

## O CONCEITO DE PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA NA OBRA HUSSERLIANA E SUAS IMPLICAÇÕES PARA A PSICOLOGIA.

The concept of phenomenological psychology in the husserlian work and its  
implications to psychology

El concepto de psicología fenomenológica en la obra husserliana y su implicaciones  
para la psicología

Eduardo Luis Cormanich  
*Universidade Federal de Alfenas*

Gustavo Arja Castañón  
*Universidade Federal de Juiz de Fora*

### RESUMO

Esse artigo explana sobre o desenvolvimento do conceito de Psicologia Fenomenológica na obra do filósofo Edmund Husserl e, mais especificadamente, na obra “Psicologia Fenomenológica” que corresponde ao vol. IX da coleção de obras completas do filósofo, denominada *Husserliana*. Apresentamos o ideário husserliano através da formação do conceito de Psicologia Fenomenológica e como seu entendimento torna possível respostas a questões de cientificidade para a Psicologia, que estão presentes desde a sua fundação como uma disciplina científica moderna, desde o final do sec. XIX. Concluimos ser necessária a construção de um campo intermediário entre a Fenomenologia e os estudos científicos em Psicologia, através da redescoberta deste ideário proposto por Husserl para uma possível Psicologia Científica de bases eidético-transcendentais e que utilize-se do método fenomenológico, e do caráter intersubjetivo da psique humana como fundamento desta possibilidade.

**Palavras chave:** Psicologia Fenomenológica; Subjetividade Transcendental; Epistemologia da Psicologia; Psicologia Teórica.

### ABSTRACT

This article explores the development of the concept of Phenomenological Psychology in the work of the philosopher Edmund Husserl and, more specifically, in the work "Phenomenological Psychology" that corresponds to vol. IX of the complete works of the philosopher, denominated *Husserliana*. We present the husserlian through the formation of the concept of Phenomenological Psychology and how its understanding makes possible answers to questions about psychology scientificity, which has been present since its foundation as a modern science, at the end of the XIX century. We conclude that it is necessary to construct an intermediate field between Phenomenology and scientific studies in Psychology, through the rediscovery of Husserl's theory over the possibility of a Scientific Psychology of eidetic-transcendental bases and the usage of the

phenomenological method, as well as the intersubjective character of human psyche as the basis of this possibility.

**Keywords:** Phenomenological Psychology; Transcendental Subjectivity; Epistemology of Psychology; Theoretical Psychology.

## RESUMEN

Este artículo aborda sobre el desarrollo del concepto de Psicología Fenomenológica en la obra del filósofo Edmund Husserl y, más concretamente, en la obra "Psicología Fenomenológica" que corresponde al vol. IX de la colección de obras completas del filósofo, denominada Husserlina. Presentamos el ideario husserliano a través de la formación del concepto de Psicología Fenomenológica y como su entendimiento hace posible respuestas a cuestiones de cientificidad para la Psicología, que están presentes desde su fundación como una disciplina científica moderna, desde el final del sec. XIX. Concluimos que era necesaria la construcción de un campo intermedio entre la Fenomenología y los estudios científicos en Psicología, a través del redescubrimiento de este ideario propuesto por Husserl para una posible Psicología Científica de bases eidético-trascendentales y que se utilice del método fenomenológico, y del carácter intersubjetivo de la psique humana como fundamento de esta posibilidad.

**Palabras clave:** Psicología Fenomenológica; Subjetividad Trascendental; Epistemología de la Psicología; Psicología Teórica.

## INTRODUÇÃO

Atualmente, muito tem se discutido e pesquisado a respeito da fenomenologia. Há um crescente interesse ao “voltar às coisas mesmas” do filósofo Edmund Husserl, e principalmente, existe uma tentativa de reinterpretar sua filosofia, adequando-a as necessidades mais atuais. Um dos campos de estudo que mais tem se valido dessa “redescoberta” da fenomenologia, tem sido a Psicologia. Diversos trabalhos têm surgido com o objetivo de aplicar o método fenomenológico à pesquisa e à prática psicológica – mais especificadamente, no campo da psicologia clínica –. Assim, surge um novo campo da psicologia, denominado Psicologia Fenomenológica, que tem ganhado cada vez mais interesse por pesquisadores e profissionais da área. Apesar das inúmeras publicações na área ainda é raro encontrar discussões que ressaltem ou tragam alguma novidade ao campo das discussões mais teóricas ou conceituais a respeito do tema. Apesar de alguns autores não objetivarem discussões especificamente com a filosofia, ainda assim encontra-se falta de clareza no uso de alguns pressupostos, e não raro também a presença de inúmeras contradições entre os conceitos utilizados, e algumas apropriações indevidas dos conceitos fenomenológicos, como sobressalta Goto:

A psicologia dita fenomenológica brasileira, ao invés de basear-se diretamente na concepção da psicologia fenomenológica de Husserl, fundamenta-se na visão filosófica das fenomenologias ou dos existencialismos delas decorrentes que não tratam com suficiente clareza o que o próprio Husserl chamou de psicologia fenomenológica (2008, p. 16).

Devido ao processo histórico da chegada das obras husserlianas e como estas foram absorvidas pelos psicólogos brasileiros, principalmente os de interesse na psicologia humanista, muito dos conceitos foram transportados para o ambiente clínico, tomando a psicologia fenomenológica apenas como um “referencial teórico”, ou na melhor das hipóteses, como uma “descrição da realidade psíquica”, sem, contudo uma reflexão mais aprofundada do próprio ideário husserliano proposto para a psicologia. Tudo isso ocasionou diferenças na compreensão e no entendimento da fenomenologia e sua relação com a psicologia (Holanda, 2016). Houve alguns autores que interpretaram a Psicologia Fenomenológica, de modo a adequarem alguns pressupostos pessoais aos conceitos que estavam redescobrendo na filosofia husserliana, de tal maneira que a fenomenologia serviu mais como um recurso argumentativo para filosofias já propriamente desenvolvidas – em destaque, a relação entre fenomenologia e o existencialismo (Feijoo & Mattar, 2014; Feijoo, 2011; Forghieri, 2012; Giorgi & Sousa, 2010) – do que como uma escola autêntica e autônoma de pensamento. Como aponta Goto (2008) é importantíssimo que se (re)descubra a psicologia fenomenológica husserliana pois “somente ela nos permitirá conhecer os atos psíquicos em sua estrutura essencial e no modo de dar-se” (Arruda, 1947, p. 148, *apud* Goto, 2008, p. 17), para assim podermos levar a cabo o ideário husserliano para a psicologia e, quem sabe, retirar-la do seu empirismo pueril para lançá-la ao status de uma ciência autônoma.

Esse artigo como resultado de nossa pesquisa no mestrado tenta demonstrar a necessidade de se redescobrir o conceito da Psicologia Fenomenológica na obra de Husserl e tem como objetivo esclarecer o ideário husserliano proposto para a psicologia, bem como explicitar as diferentes acepções do conceito da psicologia fenomenológica ao longo das obras husserlianas. Buscaremos traçar um rápido contexto histórico no qual estava inserido Husserl para auxiliar a compreensão do ideário husserliano para a psicologia e como a psicologia fenomenológica husserliana ainda pode auxiliar em problemas fundamentais para a psicologia.

Nossa pesquisa procurou revisitar os principais textos husserlianos que nos poderiam orientar sobre a temática da psicologia fenomenológica, tendo como critérios de escolha aqueles textos que abrangeriam tanto momentos iniciais de sua obra (como as Investigações Lógicas e as *Ideen*), como aquelas obras de sua fase final (tais como *Krisis*);

perpassando também as obras intermediárias e , principalmente, nos fixando nos textos compreendidos entre os anos de 1925-27 que compreendem os textos compilados na Husserliana IX, que recebe o título de “Psicologia Fenomenológica”.

## REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Importante ressaltar que muito do que se tem compreendido como psicologia fenomenológica atualmente é uma composição entre os conceitos husserlianos a respeito da fenomenologia e de seu método, aplicados diretamente ao campo de atuação clínica da psicologia. Portanto, o que se quer aqui apresentar é o conceito de psicologia fenomenológica mais puro, tal como é desenvolvido por Husserl, e que se configura numa importante orientação para as soluções de ordem epistemológicas e metodológicas para a psicologia, como buscaremos apresentar a seguir.

Retomando alguns autores nacionais e internacionais a respeito da temática da Psicologia Fenomenológica notamos algumas aproximações ao ideário husserliano e ao projeto de uma fundamentação das “ciências do espírito”, entre as quais a Psicologia; porém, é possível perceber uma total arbitrariedade e pragmatismo no que tange a interpretação e aplicação dos conceitos e metodologias fenomenológica.

No texto de Forghieri (1993) intitulado de “Psicologia Fenomenológica: Fundamentos, Método e Pesquisa”, a autora narra o percurso pessoal que a fez chegar até a fenomenologia, em uma época em que pouco, ou quase nada, se discutia a respeito do método husserliano em psicologia. Ela conta neste livro seu percurso pessoal e como a proximidade com a psicologia humanista a fez chegar a autores fenomenólogos e existencialistas, tais como Kierkegaard, Nietzsche, Sartre, Heidegger e, posteriormente aos textos de Husserl. Ela reconhece que os textos husserlianos eram de considerável complexidade filosófica, o que fez com que ela se “encorajasse a chegar a um próprio modo de compreender a Fenomenologia” (Forghieri, 1993, p. 10). Apesar de certo pessoalismo outorgado a interpretação da autora ao tema da psicologia fenomenológica, esta ainda reconhece que o trabalho husserliano tinha como objetivo “problematizar o próprio conhecimento (...) como o único método para se chegar a verdades apodíticas” (Forghieri, 1993, p. 14). Porém, quando se trata de discutir o conceito husserliano da Psicologia Fenomenológica a autora se apoia na interpretação de comentadores, os quais por sua vez, também possuem uma interpretação pessoal a respeito das aplicações do método fenomenológico no âmbito da psicologia:

Giorgi (...) considera que a ‘uma genuína Psicologia Fenomenológica ainda não existe, e a razão é o fato da Fenomenologia ser compreendida basicamente como uma filosofia, com implicações para a Psicologia, ao invés

de contribuir concretamente para o desenvolvimento de uma Psicologia Fenomenológica' (p.5) (Forghieri, 1993, p. 11).

Neste trecho Forghieri cita um dos pesquisadores mais conhecidos na área, Amedeo Giorgi, que, apesar de reconhecer o trabalho inacabado no tocante às reflexões filosóficas a respeito do desenvolvimento de uma “genuína Psicologia Fenomenológica”, também tentou criar uma própria metodologia de investigação em psicologia a partir de alguns pressupostos husserlianos. Ambos autores assumem que a psicologia fenomenológica husserliana possui um caráter meramente descritivo, enquanto que, como veremos a seguir, o próprio Husserl irá abandonar por completo tal característica do seu método a partir de 1913 quando escreve as *Ideen*<sup>1</sup> (Husserl, 2006)

Apesar de apresentar uma compreensão profunda a respeito da fenomenologia husserliana e, em especial, ao descrito sobre a Psicologia Fenomenológica, em Giorgi (Giorgi & Sousa, 2010) não vemos uma compreensão última a respeito da elaboração de uma Psicologia Fenomenológica com bases husserlianas. Encontramos, ao invés disso, uma adaptação do método fenomenológico a uma tentada psicologia que buscasse corresponder às exigências do modelo científico moderno, como irá descrever o próprio autor:

A Fenomenologia afirma a possibilidade de se analisar reflexivamente o que surge no fluxo da consciência. No caso do método fenomenológico psicológico, esse procedimento é realizado apenas pelo investigador, mantendo em aberto a possibilidade de uma visão crítica dos pares. Como é sabido, poder contar com a visão crítica dos pares e possibilitar a replicação dos estudos são dois critérios fundamentais em qualquer disciplina científica. Neste momento, o crucial é salientar que esta opção se pretende conciliar dois aspectos: seguir o requisito fenomenológico de valorizar as descrições sobre experiências vividas, salientando o sentido de como estas se apresentam a consciência do sujeito, mantendo no entanto, passos metodológicos que permitam enquadrar o processo de investigação em critérios unanimemente considerados na comunidade científica (Giorgi & Souza, 2010, pp. 75-76).

Fica explícita a escolha feita pelo autor que prefere abandonar um rigor acerca do seguimento do ideário husserliano, a fim de encontrar uma metodologia que corresponda aos critérios de cientificidade, entre os quais, o critério de replicabilidade dos experimentos.

---

<sup>1</sup> Momento este em sua vida que ficou conhecido como “virada transcendental”.

Isso, de modo algum, diminui a importância do trabalho desse reconhecido autor (menos ainda dos seus seguidores e de tantos outros pesquisadores na área que tem encontrado em sua metodologia um referencial bastante sólido e de alta replicabilidade); contudo, como vemos em Goto & Feijoo (2016), é possível encontrar algumas inconsistências na obra de Giorgi e em sua metodologia, por vezes, excessivamente cientificista, o que acaba por impossibilitar o seguimento mais próximo do ideário husserliano:

Nesse caso, parecem existir certas ambiguidades e confusões conceituais dos autores na relação da fenomenologia de Husserl com a psicologia, pois, na reflexão fenomenológica, por exemplo, mesmo na psicologia, a redução deve ser levada a cabo, o que significa reconduzir o empírico do fenômeno ao seu fundamento, ou seja, para o âmbito eidético-transcendental. (Feijoo & Goto, 2016, p. 6)

Nossa crítica, portanto, vai ao encontro dessas iniciativas anteriormente citadas, e seguindo outros autores que corroboram com nossa perspectiva (Feijoo & Goto, 2016), (Porta, 2013), (Reis, Holanda, & Goto, 2017), (Goto, 2008), (Kockelmans, 1987); buscaremos demonstrar como o ideário husserliano, proposto para a Psicologia ainda carece de ser resgatado e levado a termo. Objetivamos evidenciar quais as principais características que formam a Psicologia Fenomenológica, tal qual formulada por Husserl, e como tal constructo foi evoluindo ao longo de sua obra. Tentaremos ao final deste ensaio, explicitar quais caminhos podem ser seguidos, no que se refere ao resgate da possibilidade da fundamentação da ciência psicológica, tal qual definida pelos cânones fenomenológicos de rigorosidade husserlianos.

## **CONTEXTO HISTÓRICO DO SURGIMENTO DA FENOMENOLOGIA: SUA INTRÍNSECA RELAÇÃO COM A PSICOLOGIA**

A história da fenomenologia se confunde com a própria trajetória husserliana na busca de um método rigoroso que pudesse retirar de vez algumas acepções subjetivas ou obscuras demais entre as nascentes ciências humanas no período compreendido entre o final do séc. XIX e início do século XX. Entre as ciências que surgiam à época, que eram alvo de maiores atenções do filósofo, estava a nascente psicologia. As próprias mudanças das acepções do que se entende por fenomenologia “estão em correlação com as mudanças em sua concepção do que seja a psicologia” (Porta, 2013, p. 66). Alguns psicólogos chegavam até mesmo apostavam que o fim da filosofia estava próximo, pois nenhuma metafísica ou discurso lógico poderia subsistir aos argumentos das ciências e seu rigoroso método de controle. Nesse cenário surge uma corrente que buscava reduzir todo e

qualquer debate filosófico ao campo da psicologia, e assim tratando os argumentos filosóficos em sua acepção psíquica, submetendo a própria lógica à força das argumentações de uma ciência do psíquico. Essa corrente de pensamento ficou conhecida como *psicologismo*. A primeira grande obra husserliana, suas *Investigações Lógicas* buscava exatamente combater essa corrente que predominava entre os filósofos e os primeiros psicólogos de sua época. Husserl defenderá uma autonomia da lógica em relação à própria psicologia, e ainda buscará fundamentar a lógica e as demais ciências sobre outro alicerce, a *lógica pura*, que apenas pode ser explicitada através de um rigoroso método de investigação – que posteriormente Husserl denominará como *método fenomenológico*, ou simplesmente, *fenomenologia*. Esse é o princípio da fenomenologia, e o princípio da história do conceito husserliano de psicologia fenomenológica. Nesta obra ainda não estão descritos pormenorizadamente o método fenomenológico da variação eidética, por exemplo, mas, como dirá o próprio Husserl, já aparecem nas Investigações o gérmen da fenomenologia e da compreensão de que a psicologia fenomenológica é um campo necessário para a compreensão da ideia da fenomenologia, e já está sendo compreendida a psicologia descritiva como precursora de um novo tipo de psicologia:

Ainda há um aspecto do método psicológico-fenomenológico, talvez o mais importante e essencialmente novo de todos, que ainda não designei, e que também apareceu pela primeira vez nas Investigações Lógicas e influenciou completamente seu método de trabalho. Pois, tornou-se aparente de uma só vez que uma investigação descritiva com o objetivo novo das Investigações Lógicas não tem o caráter de uma investigação meramente empiricamente psicológica, nem psicofísica nem descritiva no sentido natural. O tema exclusivo das Investigações Lógicas era o psíquico como correlativo às objetividades pretendidas em cada caso (e especialmente as objetividades logicamente ideais), assim, a multiplicidade de modos psíquicos nos quais, puramente na imanência da vida psíquica, conceitos, julgamentos, teorias, são formadas como unidades de sentido idealmente idênticas, com os modos respectivos de ser suposto ou evidentemente verdadeiro (Husserl, 1962/1977, p. 26-27, tradução nossa).

Fica-nos claro aqui, mais uma vez, que o entendimento do projeto husserliano para a psicologia necessita de uma compreensão global de sua obra. A psicologia fenomenológica não trata apenas do empírico em psicologia, nem tão pouco das minúcias psicofísicas de sua época. A proposta husserliana é integrar sob uma mesma égide epistemológica não apenas a psicologia, mas todas as demais ciências do espírito

(*Geistwissenschaften*<sup>2</sup>) que teriam como ciência apriorística, ou seja, paradigmática, a ciência psicológica, nascida a partir do método fenomenológico. Husserl explicita nesse trecho que tal objetivo já estava traçado em suas *Investigações*, ao discutir as raízes da lógica pura, na sua íntima relação com os fenômenos psíquico-eidético-transcendentais, e que será melhor desenvolvida nas suas obras subsequentes.

Portanto, desde o início, queremos esclarecer que não basta uma descrição do conceito husserliano de Psicologia Fenomenológica sem ao menos compreender o contexto histórico-filosófico ao qual está inserida sua obra, e quais questões tal constructo visa responder. Nem mesmo será possível compreender a nova psicologia que Husserl propõe se não mantivermos em mente problemas contidos na própria psicologia, desde a sua fundação. O problema levantado por Husserl, e que até hoje subsiste, é um problema epistêmico: como pode a psicologia, ainda hoje, se propor a estudar a subjetividade, sem que seu método seja capaz de alcançar o cerne dessa vida subjetiva? Como é possível descrever a subjetividade própria, ou a de outrem, sem esclarecer como resolver o problema dos conteúdos excessivamente pessoais, ou que viessem a resposta? São essas questões de ordem prática e metodológica que Husserl busca responder com sua “filosofia rigorosa”, que não tem outro objetivo, senão desvelar a maneira de conhecer própria da consciência e todos os fluxos vividos dela pertencentes (Husserl, 1911/2007).

## O CONCEITO DE PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA – UMA INTRODUÇÃO

A construção e a definição do conceito *psicologia fenomenológica* em Husserl perpassa toda a sua obra e acompanha passo-a-passo a evolução de sua própria filosofia. Para um profundo entendimento acerca dos vários entendimentos possíveis para esse termo, seria necessária uma completa revisão de sua obra, o que infelizmente foge ao escopo desta etapa do nosso trabalho. Não podemos nos furtar, porém, de uma análise que, no que pese nosso objetivo, ao menos vise elucidar algumas diferenças entre aqueles termos historicamente relacionados a esse em questão. A própria fenomenologia tem sua origem na construção da crítica ao modelo de psicologia adotado à época de Husserl – como anteriormente citado – sendo que, o próprio conceito da *psicologia fenomenológica*, também acompanha as transformações e as “guinadas” dadas por Husserl em sua própria teoria. Convém, portanto, buscar fazer uma rápida releitura nas principais obras do autor referentes ao tema.

---

<sup>2</sup> Wilhelm Dilthey (1833-1911), filósofo alemão, contemporâneo a Husserl, formulou as diferenças entre as ciências da natureza (*Naturwissenschaften*) e as “ciências do espírito” (*Geistwissenschaften*). O termo “ciências do espírito” é comumente traduzido por “ciências humanas”, ou “humanidades”, buscando-se diminuir o preconceito linguístico de cunho religioso e/ou espiritual que poderia ser atribuído pelo uso do termo “do espírito”. Aqui optamos por manter o uso “ciência do espírito” por referência ao seu uso histórico nos trabalhos de Husserl.



Na sua primeira proeminente obra, as *Investigações Lógicas*, e mais precisamente no volume VI (Husserl, 1988), Husserl caracteriza sua nova metodologia como uma *psicologia descritiva*. Não uma psicologia semelhante a seu predecessor e mestre Brentano – uma psicogenese exaustiva dos fenômenos mentais – mas, como o próprio Husserl se viu obrigado a elucidar, tratava-se de uma psicologia descritiva dos atos psíquicos e também da clarificação das *essências dos atos psíquicos*. Sua análise, portanto, não buscava apenas uma descrição dos conteúdos desses atos, mas visava, principalmente, elucidar a própria essência do ato psíquico, sua constituição e sua origem no caráter intencional da consciência, como veremos adiante. O método que Husserl começara a desenvolver nesta obra, e o qual ele levará a termo em outras obras posteriores, é o que possibilitará que o filósofo alcance esse substrato da essência da vida psíquica. Esse método ele o denominará de *método fenomenológico*. A fenomenologia até então constituída, resulta dessa descrição pormenorizada dos atos psíquicos, com a busca da evidenciação de suas essências. Portanto, nesse primeiro momento, a psicologia descritiva de Husserl poderia ser facilmente confundida com a própria fenomenologia.

Mas a partir das *Investigações*, Husserl começa a pensar em outra formulação para a própria fenomenologia, buscando desfazer o possível engano do qual era acusado, ao tratar como quase sinônimos os termos psicologia descritiva e fenomenologia. No seu artigo publicado na revista *Logos, a Fenomenologia como Ciência Rigorosa* (Husserl, 1911/2007), Husserl visa estabelecer as diferenças entre sua recém-fundada Fenomenologia de uma ciência empírica psicológica. Segundo ele:

(...) na fenomenologia deparamos com uma ciência, cuja amplitude os contemporâneos ainda não imaginam, e que, apesar de ciência da consciência, não é psicologia: deparamos com a Fenomenologia da consciência, oposta à Ciência natural da consciência. Como não há de tratar-se de uma equivocação casual, é de esperar de antemão que a Fenomenologia e a Psicologia devem estar próximas uma da outra, referindo-se ambas à consciência, embora de modos diversos e em “orientação” diversa, podendo dizer que à Psicologia interessa a “consciência empírica”, a consciência na continuidade da Natureza, ao passo que à Fenomenologia interessa a consciência “pura”, isto é, a consciência na orientação fenomenológica (Husserl, 1911/2007, p. 19, *tradução nossa*).

Ao expressar essa diferenciação, Husserl pretende deixar claros os objetivos de sua nova ciência fenomenológica, porém, cria, conseqüentemente, outro problema que posteriormente irá buscar solucionar: se há a possibilidade de uma ciência empírica psicológica, que estudará a “consciência empírica”, como então a fenomenologia, a ciência que estuda “a consciência pura” se relaciona com aquela? Esta questão abre um novo

campo de estudos para o próprio Husserl, que passa a se dedicar então na elucidação desse problema, e tem como resultado a sua obra *Ideias para uma Fenomenologia Pura e Para uma Filosofia Fenomenológica*<sup>3</sup> (Husserl, 1911/2014). Nesta obra Husserl clarifica sua metodologia fenomenológica e clarifica também o caráter eidético dos atos psíquicos ou da consciência. Ele propõe uma “nova psicologia”, a qual denominara de *psicologia eidética*, ou seja, aquela psicologia que tratará do caráter das essências dos atos intencionais da consciência, ou seja, dos atos psíquicos.

Husserl explicitará a necessidade de se fundamentar a pretensa psicologia científica através de uma ciência eidética que a anteceda. Segundo o filósofo, ainda em *Ideias I*, “toda ciência de fatos (ou ciência da experiência) tem seu fundamento teórico em ontologias eidéticas” (Husserl, 1911/2014). É através dessa constatação que Husserl propõe, portanto, o surgimento de uma nova ciência eidética que torne possível a fundamentação da ciência psicológica. A nova psicologia eidética terá como objeto de estudo a “*explicitação das leis essenciais, apriorísticas, da região ontológica da alma (Seele), propiciando a clareza conceitual necessária para a investigação posterior dos fatos psíquicos, domínio da psicologia empírica*” (Peres, 2014). Nasce aqui, portanto, um novo projeto husserliano que, apesar de estar subtendido em trabalhos anteriores, parece tomar forma e força, capaz de propiciar a fundamentação metodológica e epistemológica para uma possível psicologia científica, que leve em conta os aspectos intencionais dos atos psíquicos. Nos anos seguintes Husserl se dedicará exclusivamente a esse tema, e, entre os anos de 1925 a 1927, proferirá em Freiburg suas “lições sobre a psicologia fenomenológica”. Estes textos serão o tema central da nossa próxima sessão, na qual buscaremos expor mais pormenorizadamente as especificidades do ideário husserliano e as novas possibilidades metodológicas visando sanar algumas das principais questões acerca do problema da cientificidade da psicologia.

Contudo, antes de introduzir propriamente o principal foco desse estudo, cabe-nos ressaltar que o tema da psicologia fenomenológica sofreria uma nova alteração dentro da proposta husserliana. Mais especificadamente, nas suas obras finais, e em especial, em *A Crise da Ciência Europeia e a Fenomenologia Transcendental* (1954/2012), Husserl volta a tratar como sinônimos a então constituída Psicologia Transcendental (Fenomenológica)<sup>4</sup> e a Fenomenologia Transcendental. Com isso também, ele aparentemente igualou os objetivos de ambas, ou seja, a obtenção das essências dos atos psíquicos através da

---

<sup>3</sup> Esta obra é também conhecida pelo nome “Ideias I”, por se tratar do primeiro volume de uma sequência de três volumes pertinentes ao mesmo tema. Para o português, atualmente, apenas o *Ideias I* encontra-se traduzido.

<sup>4</sup> O termo utilizado por Husserl nesta obra se refere diretamente a “Psicologia Transcendental”. Porém, como buscaremos demonstrar, o conceito de Psicologia Fenomenológica sofrerá inúmeras transformações e variações, ao ponto de que, nesta obra, uma das escritas por Husserl, ele deixa de usar o referido termo, para utilizar-se tão somente do termo “Psicologia Transcendental”.

redução transcendental. No parágrafo 72 da citada obra, Husserl afirmará “*Só existe uma psicologia transcendental, que é idêntica à filosofia transcendental*” (Husserl, 1954/2012, p. 208). Entretanto, ao investigarmos essa aparente equalização proposta por Husserl, verificamos que não se trata de uma igualdade ôntica, como se exatamente as mesmas coisas fossem; ou seja, quando Husserl busca comparar a psicologia transcendental (eidética) à filosofia transcendental, ele o faz no sentido de que ambos tratam do aspecto transcendental da vida psíquica. Porém, há uma diferença quanto aos objetivos de cada um desses campos de estudo: enquanto a filosofia transcendental, ou mais propriamente, o método fenomenológico de redução transcendental objetiva o acesso às essencialidades da vida psíquica, e nelas permanecem; a psicologia eidética, por sua vez, buscará compreendê-las (as essências) dentro de um entendimento do próprio fenômeno psíquico humano, enquanto tal. Enquanto para que haja a redução transcendental é necessária apenas a análise das minhas vivências; para a psicologia eidética, a possibilidade da compreensão de um outro, de um *alterego*, e de uma intersubjetividade que torne possível a compreensão da dimensão universal da vida psíquica, é a meta a ser concluída. Sua validação não se encontra apenas na correspondência com a lógica pura intrínseca da própria possibilidade das vivências (como na filosofia transcendental), mas estabelece-se, principalmente, na possibilidade da compreensão de uma unidade intrínseca a todas as possibilidades de consciências:

Em virtude da redução, os outros se transformam, de homens para mim existentes, em *alteregos* para mim existentes, com o sentido de ser implicações intencionais da minha vida intencional original. Inversamente, também é válido: neles estou implicado, com toda a minha vida original, e todos eles, do mesmo modo, entre si. O que, então, cientificamente digo digo-o de mim e para mim, mas assim também, paradoxalmente, para todos os outros como transcendentalmente implicados em mim e entre si. A pura psicologia não conhece justamente senão o subjetivo, e admitir aí como existente algo de objetivo é já dela ter aberto mão. A infinita pesquisa psicológica, como pura e transcendental, diz respeito a este entrelaçamento intencional dos sujeitos e da sua vida transcendental, e realiza-se necessariamente segundo a figura que se orienta ao meu redor”. (Husserl, 1954/ 2012, p. 209).

Portanto, o aspecto transcendental a que se refere Husserl quando fala de uma Psicologia Transcendental se refere a esse campo “intersubjetivo” que se apresenta na possibilidade do “entrelaçamento intencional dos sujeitos e de sua vida transcendental. Enquanto que, à filosofia transcendental cabe a análise da lógica subjacente a toda e qualquer possibilidade de consciência e dos atos conscientes a essa relacionados. Neste

ponto, porém, há muito o que ainda precisa ser esclarecido, tanto quanto aos pretensos ideais husserlianos quanto suas possíveis acepções e aplicações.

Por ora, cabe-nos apenas ressaltar que a aparente confusão atribuída a Husserl, por parte daqueles que compreendem que a Fenomenologia Transcendental se iguala à Psicologia Transcendental, na verdade ocorre por uma má compreensão do próprio ideário husserliano. Nosso objetivo aqui será, outrossim, buscar uma interpretação de Husserl que corrobore com nossa hipótese central de que Husserl tem a oferecer uma nova perspectiva epistemológica e metodológica para o surgimento de uma “nova psicologia”, capaz de fundamentar teoricamente uma pretensa psicologia científica.

### **O CONCEITO DE PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA EM “LIÇÕES SOBRE PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA”**

Apresentamos a seguir então uma “sumarização” das características fundamentais dessa “nova psicologia”. Segundo o próprio Husserl, a partir da análise do conteúdo contido nas “lições sobre a Psicologia Fenomenológica” ele demonstra que podemos examinar as características básicas desta através dos seguintes “motes”: “Aprioridade, Eidética, Intuição ou Descrição Pura e Intencionalidade” (Husserl, 1962/1977, p. 33, *tradução nossa*). Seriam estas as características básicas oferecidas por Husserl para a psicologia fenomenológica. Percorremos então ao longo do artigo, cada uma dessas características, relacionando-as aos fundamentos da Psicologia Fenomenológica, tal quais são definidas por Husserl nas “Lições sobre a Psicologia Fenomenológica” (Husserl, 1962/1977), no contexto da elaboração de sua proposta para uma possível Psicologia Científica alicerçada sobre a Fenomenologia.

#### *Por uma Psicologia Eidética*

Na análise do filósofo Husserl, as várias tentativas de constituição da ciência psicológica foram fracassadas, pois estas 1) não conseguiram dar conta do problema da caracterização do seu objeto de estudo, 2) não estabeleceram uma metodologia própria, capaz de garantir o acesso e a compreensão do seu objeto de estudo e 3) não conseguiram erigir uma teoria solidamente fundada capaz de percorrer um *continuum* intrinsecamente lógico (Husserl, 1962/1977). Serão esses os pontos que ele buscará fundamentar dentro do seu ideário para uma psicologia pretensamente científica.

Husserl argumenta que o modelo das ciências naturais não deve ser seguido pelas ciências do espírito. As ciências do espírito teriam um funcionamento e leis próprias que não se adequam ao naturalismo que fundamenta as ciências naturais. Husserl defenderá que os elementos físicos (naturais) possuem equivalência aos fenômenos

psíquicos (mentais), principalmente no que tange a demonstração de sua existência e veracidade. Para ele não há distinção entre a verdade das duas modalidades de fenômenos, pois ambos têm como pressupostos as suas respectivas ciências apriorísticas, e essas, por sua vez, fundadas sob a mesma lógica pura universal. Husserl defende a suposição de um mundo real, não o nega; mas também sustenta a existência de um mundo que apesar de não-real (irreal) deva ser considerado como existente e, portanto, tão verdadeiro quanto aquele primeiro. Portanto, Husserl assume que, embora os fenômenos mentais não possuam uma existência no plano da realidade (tais como os objetos das ciências naturais), a possibilidade do conhecimento dos fenômenos mentais se baseia na mesma fundamentação epistemológica das ciências apriorísticas que fundamentam as ciências do espírito e as ciências naturais.

Assim como as ciências naturais tem como fundamento metodológico e epistemológico a ciência apriorística da matemática, as ciências do espírito possuem sua fundamentação em outra ciência apriorística, a psicologia fenomenológica. Portanto, ambos os tipos de fenômenos não diferem, entre si, em suas bases epistêmicas de fundamentação, pois em Husserl matemática e psicologia fenomenológica se igualam em caráter de evidenciação. Diferem apenas na maneira como se dão na própria experiência. Husserl constata que a matemática, a ciência apriorística da física moderna e, portanto, das ciências naturais, é ela também uma ciência que não trata de verdades ou proposições pertencentes ao mundo real como tal. Argumentará Husserl que o que confere veracidade a matemática não é o mundo físico, mas a própria lógica que sustenta as suas proposições. Dirá ele: “Uma proposição ou um número não é um evento real no universo, assim como não é alguma coisa que ocorre aqui ou ali, numa irrepetibilidade individual, movendo-se ou parada, ou exercendo alguma causalidade” (Husserl, 1962/1977, p. 15, *tradução nossa*). A matemática, portanto, possui uma relação de verdade própria que não precisa ter correlato no mundo real. É ela mesma irreal e possível de ser verificada, através de sua própria identidade numérica singular como verdadeira ou falsa, tais como os objetos do mundo real, dirá Husserl. (cf. Husserl, 1962/1977).

Portanto, a primeira característica defendida por Husserl para a possibilidade de uma Psicologia Científica, é que ela não abandone o caráter eidético que fundamentam as ciências do espírito. Para uma Psicologia que seja capaz de tratar do psíquico, é necessário uma redescoberta do caráter eidético dos fenômenos psíquicos que constituem o objeto desta ciência. Além do mais, é necessário compreender que os fenômenos tratados pela Psicologia Fenomenológica, são também tão existentes quanto a própria possibilidade da matemática. Em Husserl, portanto, o caráter eidético dos fenômenos psíquicos não são um impeditivo para seu manejo e estudo; tal como na matemática, a Psicologia Fenomenológica

tratará de objetos ideias e que tenham uma lógica intrínseca que possibilite seu estudo e sua compreensão.

*Intencionalidade, o caráter fundamental do psíquico*

O conceito de intencionalidade da consciência provém da filosofia medieval que considerava que a consciência possuía uma *intentio*, ou seja, uma propensão a estar sempre voltada para algo fora dela, algo que não ela mesma. Brentano resgata essa característica e lhe confere uma nova importância, ao considerar que toda a atividade psíquica também possuía esta característica, ou seja, todos os atos psíquicos, como emoção, pensamento, lembranças, estariam relacionados a um objeto presente no mundo físico (Brentano, 1874/1935).

Mesmo que tal suposição já pudesse ter sido defendida de maneira análoga por outros filósofos<sup>5</sup>, em Brentano esse aspecto era colocado como uma característica fundamental da consciência e que possibilitaria a instrumentalização do mundo psíquico. Ora, se tudo o que se passa na consciência provém do mundo externo que nos circunda, é possível acessar o conteúdo da consciência explicitando as relações entre ela e o mundo físico. A diferença de Brentano para seus antecessores se dava pelo fato dele identificar um novo tipo de fenômeno, que podia ser tratado como objeto de estudo de uma psicologia sob o ponto de vista empírico: o “fenômeno psíquico” (Brentano, 1874/1935). Tal qual Husserl irá defender, Brentano também pressupõe a existência do mundo interior, porém de maneira separada do mundo externo e dele dependente – e neste último aspecto, Husserl discordará, pois, como veremos, o caráter intencional da consciência unifica esses dois aspectos da experiência –. Esse fenômeno psíquico, tomado como uma verdade, oriundo da constatação do caráter intencional da consciência, é o que possibilitará segundo Brentano a fundamentação de uma psicologia empírica. Porém, como Husserl observará essa psicologia brentaniana apenas conseguirá fornecer um aspecto descritivo da vida mental, sem conseguir explicitar os nexos intrínsecos da subjetividade. Por essas razões Husserl caracterizará Brentano como um naturalista, pois este argumentará que toda a vida mental dependerá exclusivamente do mundo natural, acabando por repetir um tipo mais velado de dualismo – ao supor um mundo “externo” que afeta o mundo “interno” –. Será diante este dualismo, que precisa supor a primazia do mundo externo, que Husserl proporá uma nova compreensão do caráter intencional da consciência.

Husserl percebia que a constatação do caráter intencional da consciência poderia assegurar mais do que a simples descrição da vida interior. Ao assumir que nossa experiência interior se dá, toda ela, voltada a algo que não ela mesma, Husserl constatou

---

<sup>5</sup> Como em David Hume (1711-1776), por exemplo, que considerava que todos os pensamentos têm sua origem numa impressão do mundo externo. Esse princípio ficou conhecido como o “princípio da cópia” (Hume, 1739/2000).

que não é possível identificar uma relação de causalidade, pois do mesmo modo que podemos dizer que o mundo externo causa nossa experiência, poderíamos assumir também que é a consciência que possibilita a existência do mundo externo e isso repetiria, novamente, o mesmo dualismo. Para fugir a este dualismo e à dupla causalidade, Husserl busca uma terceira via, e defende que não há consciência de algo em si fora dessa relação intencional, repetindo seu predecessor Brentano, e adiciona o caráter imediato da experiência, conferindo outra acepção ao caráter causativo. Isso implica em dizer que a vivência do mundo se dá num imediatismo entre aquilo que é conhecido e a tomada de consciência daquele que conhece. A intencionalidade revela a dependência mútua entre a natureza da psique e a própria possibilidade de conhecimento do mundo. Portanto, essa será a característica que, segundo Husserl, conferirá toda e qualquer possibilidade de conhecimento do mundo e de si mesmo, e, portanto, de toda e qualquer ciência possível. É a partir da constatação do caráter intencional da consciência que Husserl constituirá toda a fenomenologia e, conseqüentemente sua metodologia própria, principalmente no que se refere à redução fenomenológica, como dirá Lyotard (2008):

Com efeito, a intencionalidade não é apenas esse dado psicológico que Husserl herdou de Brentano, mas ainda aquilo que possibilita a própria *epoché*: perceber este cachimbo em cima da mesa, de modo nenhum implica ter uma reprodução em miniatura desse cachimbo no espírito, mas visar o próprio objeto cachimbo. Ao por fora de circuito a *doxa* natural (posição espontânea da existência do objeto), a redução revela o objeto enquanto visado, ou fenômeno; o cachimbo não é, então, mais que um face-a-face (*Gegen-stand*) e a consciência aquilo de quem há esses face-a-face. (p. 37).

Não se pode, pois confundir a descrição intencional da consciência apenas como uma descrição óbvia do conteúdo da consciência; a obviedade está, antes, em compreender uma interdependência recíproca entre o ato da consciência – de maneira geral, o ato de conhecer, tomar consciência de – e o próprio perceber e vivenciar o objeto. Husserl exalta que aqui não há distinção nem temporal nem de causalidade, é um e o mesmo ato. É a própria *síntese intencional*, ou seja, a maneira própria da consciência de conferir unidade de significação às experiências, voltando-se para as coisas mesmas.

A “demonstração” (*Aufweisung*) de que o *cogito*, quer dizer, o estado intencional, é consciência de alguma coisa só se torna fecunda pela elucidação do caráter original desta síntese. Quer dizer que só esta “demonstração” torna fecunda a importante descoberta de Franz Brentano, a saber, que a intencionalidade é o caráter descritivo fundamental dos “fenômenos psíquicos”. Apenas ela permite isolar realmente o método de uma ciência descritiva da consciência, tão filosófica e transcendental como psicológica (Husserl, 1963/1988, p. 58).

A intencionalidade será a responsável por demonstrar a unidade da correlação entre a experiência vivida e o mundo, enquanto tal, e será ela mesma quem possibilitará a emergência de uma ciência do psíquico. Husserl defenderá que a psicologia tem na intencionalidade a possibilidade de um acesso direto ao fenômeno psíquico. Dessa maneira, a intencionalidade seria capaz, ao mesmo tempo, auxiliar na superação de duas grandes dificuldades da psicologia: sua metodologia e seu objeto de estudo.

A análise da vida psíquica consiste, pois, antes de tudo, na capacidade do psicólogo em colocar em evidência essa mútua relação entre a experiência e sua significação, em outras palavras, sua imanência e sua transcendentalidade. Apenas assim, no esforço de evidenciar essa relação, será possível viabilizar uma psicologia que trate dos fenômenos psíquicos que embora “irreais”, são tão passíveis de ter sua existência verificada quanto qualquer outro objeto real, tal qual como ocorre nas ciências naturais.

Para fundamentar essa afirmação, podemos lembrar-nos da própria analogia entre matemática e a psicologia *a priori* feita por Husserl, quando ele afirma que tal como a matemática trata de objetos irreais, porém existentes; igualmente a psicologia *a priori* também trata de objetos irreais, igualmente existentes e passíveis de serem verificados através da explicitação de sua lógica intrínseca. (cf. Husserl, 1962/1977, p. 35).

#### *Psicologia Fenomenológica, Uma Ciência Intuitiva e Apriorística*

Quanto ao objeto de estudo da psicologia fenomenológica, como consequência também da aceitação da evidência da intencionalidade da consciência, surge uma nova tipologia, por assim dizer, de objeto. Não se trata aqui mais de um objeto mensurável e de existência no real; é antes um objeto que se evidencia na intuição originária da experiência. Essa intuição, segundo Husserl, não é coisa estranha à nossa experiência e ao nosso conhecimento de mundo; ela é, na verdade, condição *sine qua non* de possibilidade de qualquer conhecimento do mundo, seja ela referente ao mundo intrapsíquico, seja ele referente ao conhecimento das coisas em si. A intuição é, antes de tudo, quem possibilita a própria capacidade do conhecimento (cf. Husserl, 1962/1977, p. 21). Será por isso que Husserl defenderá que a “nova psicologia”, a psicologia fenomenológica, irá, ao mesmo tempo, fundamentar uma ciência psicológica e a própria teoria do conhecimento.

A redescoberta da intuição como uma habilidade da consciência e, portanto, como ferramenta essencial no desvelamento da constituição da própria psique faz com que ela passe de mera conjectura abstrata para se tornar uma verdadeira “pedra angular” no entendimento da vida psíquica, um *a priori*, nas palavras de Husserl (cf. Husserl, 1962/1977, p. 27). A maneira como poderemos alcançar essa intuição pura e, por consequência a



própria experiência pura é objetivo de todo o trabalho fenomenológico de Husserl que precedeu a própria ideia da psicologia fenomenológica.

A intuição segundo Husserl, não é mera subjetividade. É antes possibilidade de constatação de verdade. Para Husserl não existe lógica, ou mesmo proposição verdadeira, sem que haja uma relação intrínseca com a intuição originalmente doada de maneira apodítica, sem nenhuma pressuposição que a anteceda ou que lhe ofereça condições de existência. Dessa maneira, atingir uma *intuição pura* é condição de verdade de qualquer proposição, seja ela lógica, matemática, ou, em nosso caso particular, psicológica. Dessa maneira ele acredita conseguir entrelaçar, sobre a mesma égide epistemológica as ciências apriorísticas da matemática e da psicologia. Funda assim uma psicologia *a priori*, uma “psicologia pura”, ou, simplesmente, uma “psicologia fenomenológica” que possui as mesmas referências à mesma lógica que fundamenta a ciência matemática.

A intuição, condição primária para a lógica, é quem confere o caráter de sentido da própria experiência. Não, porém, aquele sentido dado a *posteriori*; não um sentido obtido por meio da reflexão; antes, este sentido, que é obtido através da redução fenomenológica, e que corresponde, portanto, à própria essência da coisa em si, se identifica com a própria experiência em si. É também o que possibilita sua própria conscientização, sua retenção, não enquanto coisa material, mas enquanto marca indelével da própria experiência do ser. É a intuição quem confere o caráter da experiência original, pois ela também está localizada neste mesmo âmbito das experiências originais. Portanto, nossa experiência original, a experiência pura, está intimamente ligada à própria noção de intuição, e esta por sua vez é manifesta nessas experiências, na nossa “visão interna” da experiência, como dirá Husserl (1962/1977):

Além disso, por um tal procedimento, a caracterização essencial mais universal do ser psíquico e do ser vivido está exposta: intencionalidade. Vida psíquica é a vida de consciência; a consciência é consciência de alguma coisa. Este título genérico, consciência, com os títulos que pertencem inseparavelmente a ele - eu, a personalidade como tal, e objetividade como objetividade da consciência - esses títulos sobre os quais tudo o que é psíquico permanece, a consciência tomada apenas como ela se apresenta de acordo com a sua própria essência, na base da visão interior, esta dupla centralização da vida da consciência fornece para toda a psicologia do interior um caráter teleológico de centralização em seu progresso: a tarefa necessariamente surge de perseguir sistematicamente a descrição das multiplicidades coerentes da consciência, que dizem respeito, essencialmente, ao tornar-se consciente o cognitivo, ou ser capaz de tornar-se consciente, de objetividades de cada categoria. Cada categoria de possíveis objetividades designa um índice para uma metódica

regularidade de uma possível vida psíquica; todos os possíveis mundos reais, uma regularidade da possibilidade da vida psíquica intersubjetiva (p. 34, *tradução nossa*).

### *O Objeto da Psicologia Fenomenológica: a Experiência Pura*

A experiência pura é a evidenciação dos fenômenos psíquicos, é ela que possibilita uma psicologia *a priori* e será ela o objeto primário de investigação da própria psicologia enquanto tal. O que Husserl busca demonstrar é a necessidade de se “purificar” essa noção de experiência, uma vez que na visão naturalista de mundo a experiência possui certo “ruído” que impede que ela se dê a conhecer de maneira direta. Porém, mediante uma mudança do nosso olhar, mediante uma suspensão da visão naturalista de mundo, através da *epoché* (ἐποχή), a experiência se apresenta na sua essencialidade, na sua forma “pura” e, portanto, isenta dos ruídos que impedem o contato direto a sua essência. A originalidade de Husserl, repetimos, foi evidenciar o caráter intencional da consciência e, portanto, da própria experiência em si enquanto caráter inegável do ser psíquico vivenciado pelo sujeito. Husserl foi além de seu antecessor e mestre Brentano ao apontar a transcendentalidade da experiência, compreendendo-a não apenas como um reflexo mental da coisa em si – o que acabaria por repetir o dualismo – mas evidenciando a maneira própria da ocorrência dos fenômenos na consciência, sua dação fenomênica, a própria apresentação das essências na relação direta com a experiência do mundo. Perseguir e defender esse posicionamento, essa “atitude fenomenológica” perante o “mundo da vida” é a condição para a psicologia, a única possibilidade viável de uma ciência psicológica, segundo o próprio Husserl. Será a análise dessa intuitividade das essências que proporcionará a primeira possibilidade de uma psicologia intuitiva, uma psicologia que evidencie toda e qualquer experiência como experiência pura, como correlato da própria intencionalidade (cf. Husserl, 1962/1977, p. 28).

Husserl acredita ser possível encontrar nexos internos à psique que fundamentarão sua ciência apriorística. Esses nexos, o filósofo defenderá, podem ser encontrados em quaisquer tipos de vivência intencionais da consciência.

Os sentimentos, uma tonalidade afetiva, um pensamento que surge, um despertar esperançoso, etc. - nada deste tipo é uma experiência vivida de maneira isolada; isto é o que está no meio psíquico, nos seus entrelaçamentos, suas motivações, suas indicações, etc. Que são eles mesmo momentos indissocialmente co-vividos em nexos, da função psíquica. (Husserl, 2001, pp. 16-17, *tradução nossa*).

O primeiro nexo, e talvez o mais importante a ser estabelecido, será o próprio caráter intencional da consciência, e, por consequência, o caráter que irá fundamentar todos

os tipos possíveis de vivências. Como dito anteriormente é a “perseguição” constante desse caráter fundamental da vivência psíquica que possibilitará uma compreensão propositiva da experiência. Não será suficiente, porém, apenas este primeiro nexo. Outras proposições, advindas desse primeiro nexo, deverão ser estabelecidas, a fim de que se possa erigir uma base sólida que possa fundamentar as demais ciências do espírito, e a própria psicologia científica.

Outra importante característica dos nexos psíquicos a serem buscados é a sua unicidade. Para Husserl a própria tentativa de divisão do psíquico de seu todo para as suas partes, faz com que o caráter teleológico da vivência psíquica se perca. Dentro da ótica husserliana não há como analisar o psíquico, suas diversas facetas, sem levar em consideração que, ao dividi-lo, há perdas irreparáveis e que descaracterizam ontologicamente as vivências e experiências enquanto tais. Dividir a experiência psíquica é retirar o caráter essencial da própria experiência. Assim como há nexos psíquicos entre as diversas experiências psíquicas, separá-las, sem levar em conta a unidade que os formam, seria descaracterizá-las daquilo que confere sua própria essência.

Husserl não explicitou, factualmente, como seria possível a experimentação e a evidenciação desses nexos psíquicos. Porém, em vários trechos, ele evidencia a necessidade de transpor as experiências e constatações individuais para o âmbito das experiências comunitárias e universais. É neste ponto que emerge outro tema, muito importante para o entendimento da obra e da proposta husserliana, a *intersubjetividade*. Husserl cita em vários trechos da husserliana IX que sua nova psicologia, a psicologia fenomenológica, é quem evidenciará os traços intersubjetivos da psique. Num trecho onde ele compara mais uma vez a matemática e a psicologia (como ciências apriorísticas) ele dirá: “Se nós tomamos à objetividade lógico-matemática como sendo capaz de tornar-se evidente intersubjetivamente, então nós devemos adicionar a subjetividade singular à subjetividade comunicativa e à vida comunalizada.” (Husserl, 1962/1977, p. 27, *tradução nossa*).

Se, por um lado, Husserl não define como essa psicologia fenomenológica deverá ser estabelecida, por outro ele estabelece critérios bem definidos sobre quais elementos deverão constituir tal campo. São elementos que não podem deixar de ser levados em consideração como, 1) o caráter eidético da psicologia fenomenológica; 2) o caráter intencional da consciência como constituinte do fenômeno psíquico; 3) a caracterização apriorística dessa nova psicologia, que dará condições para uma psicologia científica e 4) a busca pelos nexos psíquicos universais que formam a psique humana. A psicologia fenomenológica, porém, ainda parece estar distante de uma concretização, mas sua originalidade e sua crítica ainda são relevantes. Husserl defendia um modelo de ciência psicológica que não aceitasse o julgo naturalista, pois era consciente das perdas advindas

dessa aceitação. Compreendia que caso a psicologia buscasse se adequar aos modelos das ciências naturais perderia, não apenas em força de evidenciação de seus pressupostos, mas também acabaria por renegar uma atribuição que lhe é própria, a saber, o estudo das próprias vicissitudes e vivências do ser humano que caracterizam aquilo que de mais próprio possui a essência humana, sua psique.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos desta análise que o conceito de psicologia fenomenológica pressupõe uma compreensão de que não é possível 1) uma relação entre o modelo das ciências naturais e o modelo das ciências do espírito, uma vez que a fundamentação das ciências do espírito passa necessariamente pela compreensão da caracterização da experiência como conteúdo da consciência intencional, e não de um mundo exterior real matematizável previamente assumido; 2) que a psicologia fenomenológica só pode ser exercitada através de uma compreensão profunda da relação entre a intuição eidética e a significação dada pela experiência pura, a saber, a característica imanente e a característica transcendental da experiência pura; e 3) que para que a psicologia possa almejar uma evidenciação apodítica aos moldes das ciências naturais é necessário que ela jamais abandone sua “vocação” teleológica, ou seja, que jamais deixe de conferir às experiências humanas, nos seus mais diversos âmbitos, individuais, coletivos e culturais, uma significação que a ligue com uma natureza psíquica humana universal.

Ainda restam alguns trabalhos complementares que busquem evidenciar a possibilidade de uma psicologia fenomenológica com base não apenas na própria experiência, mas também na possibilidade da compreensão da experiência do outro como fundadora das vivências.

Husserl, apesar de não se dedicar demoradamente ao aspecto da intersubjetividade nos escritos da Husserliana IX – sobre o quais nos embasamos para a escrita desse artigo – , o fez de maneira bastante intensa em outras obras – ainda não publicadas para o português – que compõem, consecutivamente, os volumes 13, 14 e 15 da Husserliana (Husserl, 1973a, 1973b e 1973c.). Foge, porém, do escopo de nossa pesquisa a análise dessas obras, mas desde já é possível destacar que este tema tem sido bastante estudado por outros pesquisadores da área da atualidade (Cadeña, 2015; Hutcheson, 1981; Overgaard, 2006; Zahavi, 2001; Zahavi, 2006), o que indica sua relevância teórica.

A proposta de nossa análise consiste em explicitar o posicionamento de Husserl em relação à psicologia é uma possibilidade de fundação da psicologia sobre bases filosóficas e metodológicas que garantam a ela uma independência enquanto ciência, enquanto campo de estudo e, mais importante, com uma teoria sólida que garantam a ela

uma estrutura capaz de levá-la a seu pleno desenvolvimento enquanto ciência do psíquico. Portanto, parece-nos que o mais sensato a se buscar é a criação de um campo intermediário e interdisciplinar que almeje sanar questões de ordem metodológicas e epistemológicas para a psicologia, garantindo assim sua autonomia e autenticidade científica, enquanto é igualmente desenvolvida uma sólida fundamentação filosófica e teórica para este campo. Acreditamos que assim estaríamos mais próximos das intenções de Husserl para sua Fenomenologia e para sua pretensa fundamentação filosófica da psicologia.

Destacando principalmente o aspecto intersubjetivo da realidade psíquica, talvez fosse possível uma ciência psicológica que pudesse garantir a validade de seus pressupostos pela repetibilidade de tantas e tantas vivências, não apenas seus tipos, mas na multiplicidade da comunidade de seres que compartilham tais vivências. Talvez seja possível enunciar, das vivências psíquicas, suas características fundamentais, suas diversas conformações culturais e históricas, e até mesmo destacar as necessidades fundamentais das vivências psíquicas humanas, tais como a liberdade, autonomia, realização e transcendência. Estes aspectos são defendidos por diversos filósofos, mas agora talvez possam encontrar validação na própria ciência psicológica. Assim poderiam deixar de ser apenas parte de uma crença ou análise filosófica, e passar a participar de um conjunto de conhecimentos científicos. Espera-se que o retorno às bases filosóficas da psicologia, como foi defendido por Husserl, possa ser alcançado. Acreditamos que com isso a psicologia possa voltar a ser uma “psicologia com alma” (Jung, 1986), e, portanto, retomar sua vocação primeira. Dessa forma a “psicologia poderá ultrapassar sua crise interna promovida pela ciência e retomar o autêntico sentido de sua motivação originária de ser ciência universal do psíquico” (Goto, 2008, p. 183).

## REFERÊNCIAS

- Brentano, F. (1935). *Psicología desde un punto de vista empirico*. Madrid: Revista de Occidente. (Obra originalmente publicada em 1874).
- Cadeña, N. B. de la (2015). A importância da intersubjetividade para Husserl. *Cadernos da EMARF, Fenomenologia e Direito*. 8 (1), 47-63.
- Feijoo, A. M. L. C., & Mattar, C. M. (2014). A fenomenologia como método de investigação nas filosofias da existência e na psicologia. *Psicologia: Teoria E Pesquisa*, 30(4), 441–447.
- Feijoo, A. M. L. C. de. (2011). A crise da subjetividade e o despontar das psicologias fenomenológicas. *Psicologia Em Estudo*, 16(3), 409–417.
- Feijoo, A. M. L. C. de, & Goto, T. A. (2016). É Possível a Fenomenologia de Husserl como Método de Pesquisa em Psicologia? *Psicologia: Teoria E Pesquisa*, 32(4), 1–9.

- Forghieri, Y. C. (2012). *Psicologia Fenomenológica: Fundamentos, Método e Pesquisas*. São Paulo: Cengage Learning.
- Giorgi, A. (1985). *Phenomenology and Psychological Research*. (A. Giorgi, Ed.). Pittsburgh: Duquesne University Press.
- Giorgi, A., & Sousa, D. (2010). *Método Fenomenológico de Investigação em Psicologia*. Lisboa: Fim de Século.
- Goto, T. A. (2008). *Introdução a Psicologia Fenomenológica: a nova psicologia de Edmund Husserl*. São Paulo: Paulus.
- Holanda, A. F. (2016). Fenomenologia e Psicologia no Brasil: aspectos históricos. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 33(3), 383–394.
- Hume, D. (2000). *Tratado da Natureza Humana*. (D. Danowski, trad.). São Paulo: Ed. Unesp. (Obra originalmente publicada em 1739).
- Husserl, E. (1973a). Zur Phänomenologie der Intersubjektivität: *Erster Teil: 1905-1920*. von Iso Kern (Ed.). Husserliana 13. The Hague: Martinus Nijhoff.
- Husserl, E. (1973b). Zur Phänomenologie der Intersubjektivität: *Zweiter Teil: 1921-1928*. von Iso Kern (Ed.). Husserliana 14. The Hague: Martinus Nijhoff.
- Husserl, E. (1973c). Zur Phänomenologie der Intersubjektivität: *Dritter Teil: 1929-1935*. von Iso Kern (Ed.). Husserliana 15. The Hague: Martinus Nijhoff.
- Husserl, E. (1977). *Phenomenological Psychology: Lectures, Summer Semester, 1925*. (J. Scalon, Trans.). Dordrecht: Springer Netherlands. (Obra originalmente publicada em 1962)
- Husserl, E. (1988). *Meditações Cartesianas: Introdução à Fenomenologia*. (M. G. Lopes e Sousa, trad.). Porto: Ed. Rés. (Obra originalmente publicada em 1963)
- Husserl, E. (1988). *Investigações lógicas: sexta investigação (elementos de uma elucidação fenomenológica do conhecimento)*. (Z. Loparic, trad.). São Paulo: Ed. Nova Cultural.
- Husserl, E. (2001). *Psychologie Phénoménologique: 1925-1928* (P. Cabestan, trad.). Paris: Vrin.
- Husserl, E. (2006). *Idéias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica: introdução geral a fenomenologia pura*. (Márcio Suzuki, Trans.). Aparecida: Ideias & Letras.
- Husserl, E. (2007). *La Filosofía como Ciencia Estricta*. (E. Tabernig, Trans.). La Plata: Terramar. (Obra originalmente publicada em 1911)
- Hutcheson, P. (1981). Solipsistic and Intersubjectivity Phenomenology. *Human Studies*, 4, 165-178.
- Jung, C. G. (1986). *A Natureza da Psique*. Petrópolis: Ed. Vozes.
- Kockelmans, J. J. (1987). Phenomenological Psychology: The Dutch Scholl. In *Phaenomenologica 103* (p. 255). Dordrecht: Martin Fontes.
- Lyotard, J. (2008). *A Fenomenologia*. Lisboa: Edições 70.

- Overgaard, S. (2006). The problem of other minds: Wittgenstein's Phenomenological perspective. *Phenomenology and the Cognitive Sciences*. 5, 53–73.
- Peres, S. P. (2014). O Desenvolvimento do Projeto de uma Psicologia Fenomenológica em Husserl. *Psicologia em Pesquisa*. 8 (2), 221-229.
- Porta, M. A. G. (2013). *Edmund Husserl: psicologismo, psicologia e fenomenologia*. São Paulo: Edições Loyola.
- Reis, B. B. dos, Holanda, A. F., & Goto, T. A. (2017). Husserl e o artigo para enciclopédia Britânica (1927): Projeto da Psicologia Fenomenológica. *Psicologia Em Estudo*, 21(4), 629.
- Zahavi, D. (2001). Beyond Empathy: Phenomenological Approaches to Intersubjectivity. *Journal of Consciousness Studies*. 8, 151–167.
- Zahavi, D. (2006). *Husserl and Transcendental Intersubjectivity: A Response to the Linguistic pragmatic Critique*. Ohio: Ohio University Press.

#### **Notas sobre os autores:**

**Eduardo Luis Cormanich:** Docente substituto da Universidade Federal de Alfenas, no Instituto de Ciências Humanas e Letras. Graduado em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG - 2013), Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia, da Universidade Federal de Juiz de Fora, na linha de História e Filosofia da Psicologia e atualmente doutorando também no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFJF. E-mail: [ecormanich@gmail.com](mailto:ecormanich@gmail.com).

**Gustavo Arja Castañon:** Professor adjunto do departamento de Filosofia da Universidade Federal de Juiz de Fora e professor do Programa de Pós-graduação em Psicologia e do Programa de Pós-graduação em Filosofia da mesma instituição. Graduado em Psicologia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1998) e em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2006). Mestrado em Psicologia Social pela UERJ (2001) e em Lógica e Metafísica pela UFRJ (2009). Doutorado em Psicologia pela UFRJ (2006) e Pós-doutorado em Filosofia da Ciência pela *Durham University* (2015). E-mail: [gustavocastanon@hotmail.com](mailto:gustavocastanon@hotmail.com)

**Recebido:** 17/07/2018.

**Aprovado:** 20/08/2018.